

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O MELHOR DE NOSSA PERNAMBUCANIDADE: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MÁRIO SETTE COMO FUNDADOR DA IDEIA DE “PERNAMBUCANIDADE”

Amanda Alves Miranda Cavalcanti

doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

amandacavalcanti1@hotmail.com

*Oh, Mário Sette! Que falta você nos faz
Com sua pena encantada contando histórias,
De tempos atrás
Maracatus e Maxambombas
Anquinhas, bernardas, desfile de heróis
Da terra pernambucana
Que é o orgulho de todos nós
Mas, que saudade!
Do Cais da Lingueta e do Corpo Santo
Recife crescendo era todo encanto
Luzindo no arco dos seus lampiões
Bondes de burro pregando na ponte
E as negras doceiras
E as sinhazinhas tão lindas, faceiras
Suspiram pra lua em eternos serões.
(MONTEIRO, DUDA, 2007)¹*

Em 9 de fevereiro de 2007 comemorou-se os 100 anos do frevo em Pernambuco e a prefeitura do Recife organizou uma série de ações para celebrar este centenário. A cidade encheu-se de festas com uma programação intensa, que contou com a participação de vários artistas, lançando diversos produtos culturais.² Entre tantas ações e atrações, o lançamento do disco “Por amor ao frevo”, nos chamou a atenção por trazer na faixa de

¹ Frevo de título “Tributo Mário Sette” composto por Fred Monteiro e arranjo de Maestro Duda presente no disco “Por amor ao frevo” de 2007.

² A comemoração do centenário do frevo foi encabeçada pela Prefeitura do Recife, sob a gestão de João Paulo, e coordenada pela então secretária da Gestão Estratégica e Comunicação, Lygia Falcão, que não promoveu somente uma grande festa na cidade como também patrocinou diversos eventos e lançamentos – antes, durante e depois do Carnaval. Para mais informações sobre as comemorações do Dia dos 100 anos do Frevo, veja o site: [http://www.recife.pe.gov.br/2008/06/09/100 anos do frevo 162581.php](http://www.recife.pe.gov.br/2008/06/09/100%20anos%20do%20frevo%20162581.php). Acesso em: 06/05/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

número 6, denominada “Tributo a Mário Sette”, uma homenagem ao escritor e cronista recifense que viveu durante a primeira metade do século XX.

Escrita por Fred Monteiro, a música traz como tema a saudade do corpo ausente. Mas essa ausência não é personificada apenas na figura do próprio homenageado. Além dele, também se evocam as suas crônicas históricas, as quais traziam elementos que fazem parte de um passado da História de Pernambuco. Dessa forma, o compositor passa a ideia de que o desaparecimento do intelectual afetou o resgate de aspectos de um passado pitoresco, social e sentimental de Pernambuco - que tinha como algumas de suas referências o Cais da Lingueta, o Corpo Santo, as maxambombas, as anquinhas, os lampiões, os carros puxados a burros, as negras doceiras do bairro de Santo Antônio - uma vez que, sem Mário Sette, e conseqüentemente, sem suas frequentes crônicas de caráter histórico nas páginas dos jornais e livros (ou mesmo sem suas obras literárias), só restavam aos pernambucanos a saudade desse passado, que parecia estar perdido no tempo.

Esse frevo pode ser considerado uma operação memorialística que remete à imagem do homenageado que a muito foi associada a esse tipo de produção historiográfica, e, por sua vez, à identidade regional. Além disso, também contribuiu para manter a perenidade do nome desse escritor, num esforço de conservá-lo vivo na memória dos nordestinos, empenho fundamental em tempos como os atuais, quando prevalece um forte movimento de desidentificação com a memória nacional e regional, como diria Pierre Nora (1993). Portanto, o frevo funcionou como um verdadeiro lugar de memória, onde se cristalizou certa imagem construída sobre Mário Sette, que foi evocada e transformada em símbolo da regionalidade.

Nesse artigo, analisaremos algumas memórias construídas sobre Mário Sette que o consagrou como um dos intelectuais pernambucanos que teve uma atuação importante na fabricação de uma identidade local e também regional, durante a primeira metade do século XX. Nesse sentido, a ideia é destacar algumas operações memorialísticas, empreendidas após a sua morte, que o enquadraram como um dos fundadores de nossa *pernambucanidade*, isto é, do sentimento de pertencimento identitário no estado de Pernambuco, partindo do princípio de que, ao fazer isso, será possível compreender a sua contribuição para a formação de identidades (individual e coletiva), regional ou nacional.

1. *O coração ainda bate...*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A busca pelas imagens construídas do intelectual pernambucano Mário Sette começará pelo dia em que ele deixou a sua amada cidade órfã de suas histórias. Ele faleceu aos 64 anos, na manhã do dia 25 de março de 1950, devido ao agravamento de um tumor cerebral, que, há mais de um ano, lhe fazia sofrer. Sua partida ocorreu na própria casa, na rua Neto de Mendonça, nº 63, no bairro da Tamarineira, em Recife, e foi vivenciada pelos seus entes mais queridos, sua família. Anos depois, em 1978, seu filho, Hilton Sette³, descreveu, num tom poético e melancólico, o momento da perda do pai, no texto “Memórias de meu pai”, com o qual prefacia a autobiografia de Mário Sette, publicada em 1980:

Agora, naquela manhã luminosa de um sábado, 25 de março de 1950, a casa está cheia, mas, já o disse, não se trata de uma festa. Em redor de seu leito, nós, os que estamos ajoelhados, assistimos amargurados o seu leito desenlace. Além de nós dois, os filhos, ali estão uma cunhada, sobrinhos, primos, duras religiosas do Colégio Vera Cruz. De manhã cedo, o padre Bragança trouxera-lhe, pela última vez, a Eucaristia.

(...)

(...) Meu pai me olha demoradamente, segura-me com sua mão esquerda, puxa-me para junto de si, beija-me e faz enorme esforço para se fazer entender.

- “Até no céu...”

Não mais voltou a falar. Logo depois, o coma profundo.

(...)

Alguém sussurra:

- “Não respira mais...”

- “O coração ainda bate...”(SETTE, 1980. p. 15-16)

O corpo de do finado escritor pernambucano foi velado em sua própria casa, no seio de sua família. O funeral, ocorrido no cemitério de Santo Amaro, contou com a participação de funcionários dos correios, companheiros de trabalho de Mário Sette nos Correios e Telégrafos do Recife e Maceió⁴, importantes intelectuais recifenses, como por exemplo, Valdemar de Oliveira, que, representando a Academia Pernambucana de Letras fez um breve discurso fúnebre. Além dele, também estiveram presentes Amaro Quintas, Aderbal Jurema e Carlos Moreira, representantes da Associação Brasileira de Escritores,

³ Hilton, o filho mais velho de Mário Sette, também teve uma carreira no mundo das letras. Ele foi geógrafo, historiador, professor, escritor didático e de livros de ficção. Lecionou geografia no Curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia Manuel de Nóbrega, de 1946 a 1956, no Ginásio Pernambucano até 1957, e na Universidade Federal do Pernambuco, até 1977; e também foi professor de História do Brasil e História da América no Curso de História e Geografia da Faculdade Paula Frassinete. Dentre as instituições que foi membro, destacaram-se: a Academia Pernambucana de Letras e o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP). Hilton Sette morreu em 1997.

⁴ Mário Sette trabalhou de 1921 a 1932 como funcionário dos Correios e Telégrafos em Recife, em 1932 foi transferido para Maceió, onde trabalhou por 10 anos. Ele se aposentou desta função pública em 1945, quando estava com 59 anos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e também muitos alunos e professores do Ginásio Pinto Júnior, do Carneiro Leão e do Colégio Vera Cruz onde ele lecionou durante muitos anos.⁵

Logo nas primeiras notícias do falecimento de Mário Sette trazidas pelos jornais, ele foi tido como um dos maiores relevos das letras pernambucanas. Falou-se muito na saudade e na perda que o Brasil sentiria de “um dos filhos que mais o amou e compreendeu”, mas, principalmente, que “a figura de Mário Sette, sempre tão ligada a Pernambuco, que ele tanto amou, não será, por certo, apagada da memória dos pernambucanos” (*Diário de Pernambuco*, 26/03/1950).

Esses necrológios eram geralmente elaborados por figuras autorizadas, que construía discursos igualmente autorizados (FOUCAULT, 2014), com o objetivo de traçar perfis sócio-psicológicos do homenageado para demonstrar a excepcionalidade da sua contribuição, criando uma imagem purificada dele, ao ressaltar as suas qualidades pessoais, intelectuais e de sua obra (no passado, presente e futuro), e, como a memória transporta no seu bojo o esquecimento, mascarar os seus defeitos (GONTIJO, 2013). Esse tipo de texto é marcado por reconstruções biográficas que, normalmente (mas nem sempre) têm como característica a lógica da *re-presentificação* (CATROGA, 2010). Isso significa que a trajetória do homenageado foi rememorada a partir de uma ordem retrospectiva, pois quem lembra imprime à memória uma perspectiva do presente, projetando no passado uma coerência vinculada a seus planos para o futuro.

Esse tipo de narrativa biográfica se expressa como se os acontecimentos da vida de um indivíduo formassem uma sequência ordenada num sentido único, linear, coerente e previsível, no dizer de Bourdieu (BOURDIEU, 2006). Cria-se, dessa forma, uma lógica “bem acabada”, que domestica o aleatório, o casual, para gerar uma imagem que é uma mistura complexa de história e de ficção, de verdade factual e de verdade estética (CATROGA, 2010. p. 167). Assim, ao se construir uma imagem positiva do biografado, a intenção é criar a ideia de um homem memorável, a partir da construção de consensos sobre a sua vida, que primam em atenuar ou até eliminar as idiossincrasias e fissuras nela existentes. Essa prática pode ser observada no artigo de José Geraldo Gomes Cavalcanti, presente no periódico recifense, *Jornal Pequeno*, de 18 de abril de 1951, portanto, um ano após a morte de Mário Sette e um dia antes da comemoração do seu aniversário de 65 anos:

Escritor brasileiro, nasceu em Pernambuco a 19 de abril de 1886.
Depois de haver feito na terra natal os seus estudos primários com o seu avô

⁵ Mário Sette era professor em várias escolas do Recife, desde 1925.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

materno, o professor Antônio Rufino de Andrade Luna, foi para o Rio estudar humanidades, com o intuito, talvez, de se matricular depois numa escola superior. Mas, ou porque as carreiras liberais o não seduzissem ou por outro qualquer motivo regressou anos depois ao Recife e foi empregar-se num escritório comercial, passando mais tarde para os correios, onde foi chefe dos Serviços Econômicos, já tendo ocupado, em comissão, a Direção dos Correios e Telégrafos de Alagoas. Desde muito novo que Mário Sette começou a escrever e a publicar versos vários, que, porém, nunca reuniu em volumes; depois já com crônicas, contos e cometários; passou a colaborar com certa assiduidade em periódicos não só de Pernambuco, mas também do Rio e de outros Estados, fazendo aparecer em 1917 o seu primeiro livro: “Ao Clarão dos Obuses”, contos inspirados em episódios da guerra que então lavrara. (...). (CAVALCANTI, *Jornal Pequeno*. Recife, 18/04/1951.)

Como um gesto evocativo, esse tipo de culto funciona como, nas palavras de Fernando Catroga, “um modo de reconhecimento, isto é, uma prática de legitimidade, em que, retrospectivamente, se recorre à autoridade simbólica dos mortos para os elevar a antepassados normativos e paradigmáticos de um grupo” (CATROGA, 2010. p. 172). Dessa forma, as narrativas biográficas elaboradas após a morte de Mário Sette procuraram transformar o morto em referência, em um “modelo ideal”, que deveria servir de exemplo moral e também para a construção de ideais, valores e práticas identitárias coletivas (família, associações, nação, etc.) e de inspiração às gerações futuras.(CATROGA, 2010. p. 178).

Como forma de valorização do falecido, foram ressaltadas algumas características como, por exemplo, autenticidade, honestidade, modéstia, sensibilidade, entre outras. Mas o que mais se destacou em seu perfil sócio-psicológico foram qualidades como fidelidade, dedicação e amor à sua terra, uma vez que muito se falou sobre a sua produção de cunho regionalista, marcada pelo destaque dado as particularidades regionais de sua terra e de sua gente. Nesse contexto, muitas definições que ressaltavam sua relação com seu estado, Pernambuco e sua cidade, Recife, foram atribuídas a ele. Mário Sette foi tido como “o mais autêntico homem de letras pernambucano”, “o maior romancista de Pernambuco e um dos maiores do Brasil” (MOACIR. *Diário de Pernambuco*. 26 de maio de 1950). Além disso, também tornou-se referência como “o cronista”, “o contista”, “o arquiteto lírico”, “o namorado” do Recife, sendo a utilização do singular uma maneira de demarcar e destacar a sua singularidade dentre os homens de letras da região.

Para muitos de seus admiradores, ele era um intelectual “autenticamente provinciano”, no sentido ontológico do termo, não só por ter sido fiel à sua província, “jamais deixando-a para se radicar nos grandes centros, apesar de converter-se em nome nacional” (*A Noite*. 27 de março de 1950), mas também pelo fato de ter seu estado e,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente, sua cidade como foco central de suas obras. Pernambuco, sobretudo, Recife, era, portanto, a “menina de seus olhos”, a:

“ (...) mina inesgotável que lhe forneceu material para mais de uma vintena de obras, em que estudou costumes em que ressaltou o curioso dos regionalismos, em que fixou tipos andejos de características anedóticas, que prendeu em páginas saborosas a alma heróica e simples do nordestino, em que enfeixou, em páginas ótimas os contos populares cheios de vida e realismo.” (*Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 27 e 28/03/1950).

Seu caráter provinciano foi comumente relacionado a uma forma singular de contar a História de Pernambuco. Em suas crônicas históricas, presente em livros e periódicos, ele costumava destacar os detalhes pitorescos da História através de uma narrativa evocativa, que fazia da saudade o fio condutor para falar do passado. Essa prática narrativa lhe rendeu o mérito de ser considerado, por Herman Lima, o precursor nesse tipo de produção histórica. Ao falar sobre a originalidade do gênero literário criado por Sette, destacou Lima:

Tudo o que produzia no particular era animado daquele cunho absolutamente original, de que são impregnadas todas essas páginas dos tempos idos, a ponto de se poder dizer que, na verdade, criou um gênero literário, pela plasticidade dessas evocações de tão alto poder sugestivo, tão cheias de graça, de vida e de emoção.” (LIMA. *Revista Nordeste*, Recife, jun/dez 1950).

Inclusive, foi exatamente pelo provincianismo e pelo caráter evocativo de sua narrativa histórica que muitos o compararam com Marcel Proust, pois se dizia que ele seguiu *em busca do tempo perdido* em sua “Combray onde as famílias ‘guermantes’ do Aterrado da Boa Vista, de São José, do Monteiro, do Poço da Panela etc., lhe despertariam o gosto por essas vilegiaturas ao passado” (MELLO, *Revista Nordeste*. Recife, jun/dez 1950). Ao trazer essa comparação, Nilo Pereira afirmou:

Tenho para mim que, situando Mário Sette no mundo de Proust, foi a sensibilidade que o dominou em toda a sua vida de escritor e de homem autenticamente provinciano. Foi ele um cronista, sofrendo a ação constante e irreparável de sua cidade tão profundamente vivida na memória do seu coração. E se de Marcel Proust disse Tristão de Ataíde: - Proust, portanto, viveu revivendo - não sei outra legenda que se pudesse opor, como um selo dos tempos, à obra de Mário Sette.

(...)

Esse cronista, se o consideram morto, cometem para com a literatura a mais grave das injustiças. Vivo é que ele está porque viveu, como Proust, revivendo.(PEREIRA, *Diário de Natal*. 22/09/1952)

Ao se dedicar à vulgarização e divulgação desse tipo de narrativa histórica em veículos de grande circulação, (como, por exemplo, a imprensa, de modo geral, livros de leitura para crianças, livros de história direcionada ao público adulto “não iniciado”,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

programas de rádios⁶, dentre outras modalidades voltadas para o “grande público”), Mário Sette foi visto muito mais como um *conteur* do que como um “historiador propriamente dito”. Ou seja, como alguém especializado em conta a História do Brasil, mas especialmente a História de Pernambuco, de maneira fácil e simples, utilizando para isso linguagens acessíveis, com o objetivo de incentivar o gosto do leitor “não especializado” pela História e estimular nele não só a curiosidade pelos detalhes pitorescos, pelos personagens, costumes e lendas que fizeram parte do imaginário coletivo e da memória regional/nacional, mas também, fortes sentimentos patrióticos e identitários. Vale lembrar que sua prática estava de acordo com o projeto cívico-pedagógico republicano, que tinha como um de seus interesses mais fundamentais a criação de uma cultura histórica republicana no país (GOMES, 1996; 2007), o qual vinha se desenvolvendo desde os primeiros anos do regime. Dessa forma, por ter se empenhado nessa tarefa, seu perfil de intelectual se encaixa bem no conceito de intelectual mediador, associado a noção de intelectual de Jean-François Sirinelli (1996) e apropriado às condições brasileiras pelas historiadoras Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016).

Além disso, houve grande mobilização daqueles que construíram memórias sobre Mário Sette na intenção de relacionar as suas obras ao surgimento de uma literatura regionalista no Nordeste, processo que já havia sido iniciado muito antes da sua morte. Isso porque, para muitos críticos literários de seu tempo, ele foi o precursor do Movimento Regionalista ocorrido em Recife, uma vez que seu livro “Senhora de Engenho”, publicado em 1921, foi visto como fundamental para a retomada do regionalismo e do tradicionalismo, no início da década de 1920 (AZEVEDO, 1984, p. 105), reconhecido como um embrião temático do primeiro romance regionalista do modernismo, “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida, lançado em 1928.

No entanto, apesar do árduo trabalho de seus admiradores nessa empreitada de o identificar como o precursor do regionalismo no Nordeste, nunca existiu um consenso sobre essa ideia. Inclusive, para aqueles que prezavam pelo resgate da memória do finado escritor, como Herman Lima, a obra de Mário Sette foi injustificada por ter sido excluída do estudo do romance nordestino (LIMA, *Revista Nordeste*, ano V, n. 2. Recife, jun/dez 1950). Injustiça essa que havia sido apontada em 1949, portanto, às vésperas do grande golpe que o atingiu mortalmente, num artigo emblemático, de título, “Um Precursor”, de

⁶ Mário Sette teve um programa semanal na *Rádio Jornal do Commercio*, chamado “Evocações”, que ia ao ar às 21 ½ horas das quintas-feiras, onde ele contava aos ouvintes a história pitoresca e dos costumes dos pernambucanos do final do século XIX e início do XX.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

autoria do crítico literário Oscar Mendes. Esse texto, que foi visto pelo próprio Mário Sette como uma manifestação de justiça ao seu nome, é uma reivindicação em favor da valorização de sua obra:

“(…) no que diz respeito à fixação de nossos costumes regionais, um lugar de mais destaque do que o que tem tido, uma vez que, como precursor da literatura regional nordestina que enriqueceu nossa literatura de tantos livros ricos de substância humana e ecoantes de grandes problemas humanos, merece não ser relegada ao olvido em que se sepultam as obras incaracterísticas e inúteis.”(MENDES. *Folha de Minas*.1949).

Observou ainda Oscar Mendes, que, seis ou sete anos antes do aparecimento do livro “A Bagaceira”, Mário Sette já fixava em seus livros:

“a vida rural nordestina, a vida nos engenhos, e linguagem pitoresca do nosso matuto, com seus modismos regionais e sua sintaxe sugestiva, traçando quadros de real utilidade para os estudiosos de nossos fenômenos sociais, desejosos de conhecer muito daquela vida ainda patriarcal que o snr. Gilberto Freyre estudaria à luz de modernas ideias e novos processos e métodos sociológicos.” (MENDES. *Folha de Minas*.1949)

No artigo intitulado “O escritor Mário Sette” presente na revista *O Cruzeiro*, de 26 de agosto de 1950, Gilberto Freyre foi outro que retomou o caráter regionalista da produção de Mário Sette e comentou sobre sua dedicação à terra natal. Nesse texto, ele contou como havia sido seu último encontro com o finado escritor, ocorrido no verão de 1948 em um pastoril nos subúrbios do Recife, destacando que Mário Sette havia ficado muito comovido diante dessa festa popular, pois “ninguém mais sensível aos encantos do folclore e das tradições da velha província” do que ele (FREYRE, *O Cruzeiro*. 26/08/1950).

Essa sensibilidade para as tradições, hábitos, costumes e tipos populares, ressaltada por Gilberto Freyre, foi outra característica comumente atribuída à Sette. Ele foi reconhecido como folclorista por muitos intelectuais de sua época, sendo seus trabalhos tidos como referências para os estudos do folclore pernambucano. Mário Sette, inclusive, foi membro da Subcomissão Pernambucana de Folclore, instituição ligada à Comissão Nacional do Folclore, ambas criadas em 1948 com o intuito de se investir mais na produção de pesquisas sobre o folclore brasileiro (*Diário de Pernambuco*. 7/10/1948).

A identificação de Mário Sette como folclorista foi se tornando um consenso entre os estudiosos da cultura brasileira ao longo do século XX. Segundo Durval Muniz de Albuquerque, Mário Sette, acompanhado de outros autores que se voltaram para uma literatura de cunho regionalista, está entre os pioneiros na utilização de matérias e formas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de expressão que vêm das camadas populares e também por ter sido um dos primeiros escritores a trazer para a literatura erudita a descrição de costumes, práticas, gestos, modos de falar, lendas, cantos, festas, modos de viver, danças, poemas, adágios e de outras manifestações que seriam típicas do povo nordestino (JÚNIOR. 2013. p. 169).

Vale ressaltar que, durante toda a primeira metade do século XX, a República implantada precisou criar sua base ideológica, definindo a ideia de povo, associada às concepções de nação e nacionalidade, como noção central de sustentação e legitimação do regime. Tornou-se comum, portanto, a assertiva de que no povo estaria a própria essência da nacionalidade, de que ele seria o repositório do espírito da nação, o guardião de suas tradições, onde se poderia encontrar a verdadeira nacionalidade, numa retomada de ideias caras ao romantismo e ao naturalismo (JÚNIOR, 2013. p. 47). Nesse contexto, os intelectuais seriam os responsáveis por pensar quem seria esse *povo brasileiro*, por conhecer suas expressões artísticas, seu cotidiano, suas atividades, sua forma de pensar, recolocando-o em cena como temática central. Ao trazer esta questão para o plano regional, os intelectuais nordestinos, desde a década de 1910, vão tentar definir as particularidades do povo de sua região, compondo os elementos que o representariam, e, por sua vez, elaborando a ideia do que seria a cultura nordestina. A intenção era construir discursos que valorizassem os aspectos regionais e a cultura popular da região, na tentativa de se criar a ideia de que o âmago da nacionalidade estaria no povo nordestino, disputando, assim, essa prioridade com as outras regiões do país.

Esse perfil de folclorista pode ser percebido tanto em seus romances: “Senhora de Engenho” e “O Vigia da Casa-Grande”, como também em seus livros de crônicas históricas: “Maxambombas e Maracatus”, de 1935, o qual foi tido como “um livro que os folcloristas têm como um dos bons mananciais para estudos e investigações” (*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2/04/1950), “Anquinhas e Bernardas”, de 1940, ou “Arruar”, de 1948.

Vinculada a essa imagem construída sobre Mário Sette, também houve certo trabalho para consolidar uma memória sobre ele relacionada à formação da identidade local e regional em Pernambuco. Isso significa que ele foi tido como um dos intelectuais que atuaram durante a primeira metade do século XX na invenção do sentimento bairrista de amor à “terra dos grandes coqueiros”. Ao trazer para seus trabalhos, seja os de cunho literário ou historiográfico a temática da nostalgia dos engenhos; manifestações populares (o carnaval e os pastoris); personagens como, por exemplo, as negras doceiras do Cais da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Lingueta e os vendedores de peixe que perambulavam pelo bairro de Santo Antônio etc.; ou elementos que faziam parte do cotidiano do Recife no final do século XIX (as maxambombas, os bondes puxados à burro) seu interesse era singularizar a “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008), pernambucana ou recifense, das demais comunidades, construindo e reproduzindo a sua identidade através do apego constante ao seu passado, mitológico, histórico e, principalmente, simbólico-religioso (RODRIGUES, 2012). Dessa forma, ele foi visto como um “inventor das tradições” pernambucanas, uma figura vocacionada a “revelar a ‘pernambucanidade’ de seu povo, em conduzir sua gente ao caminho do saber. Numa época em que o brasileirismo, ou seja, modo de ser brasileiro era um dos elementos preciosos de construção de nossa identidade nacional.”⁷

Para o historiador pernambucano Leonardo Dantas, grande admirador de Mário Sette, foi ele quem teria despertado nele, pela primeira vez, sentimentos patrióticos e bairristas, como podemos perceber no texto que prefaciou a edição de 1975 do livro “Arruar”, presente na “Coleção Pernambucana”:

Foi Mário Sette o meu primeiro autor. Partiram de suas obras as minhas primeiras leituras e o início da formação da minha pernambucanidade.

Bem antes de qualquer outro autor, quando mal comecei a ler as primeiras leituras, já a minha bondosa mãe, professora primária Lídia Dantas da Silva, colocou-me nas mãos a primeira edição de “TERRA PERNAMBUCANA”. A maneira romanesca de contar fatos de nossa história, a riqueza de detalhes que só ele (Mário Sette) sabia atribuir a episódios e personagens do nosso passado (...).

(...)

Foi Mário Sette, juntamente com Viriato Corrêa (Historia do Brasil para Crianças), o meu primeiro professor de História. Mas ainda: devo a Mário Sette e a Tonico Silva os primeiros passos na formação de minha pernambucanidade, ou melhor, como diria Gilberto Freyre, da minha *recifensidade*; talvez a minha primeira noção de Pátria, no sentido exato que tão bem descreveu Ariano Suassuna ao receber o título de Cidadão do Recife.

Foi Mário Sette que despertou em mim esse bairrismo acentuado, esta veneração pelas tradições desta quatrocentenária Cidade de Santo Antônio (...).”

E todas as lições aprendidas de Mário Sette não poderiam ficar longe das gerações atuais, muito menos dos estudantes do meu Estado. (...). (SILVA, 1975)

Leonardo Dantas, uma figura muito influente dentro das instituições responsáveis por divulgar e preservar a identidade pernambucana, muito contribuiu para a reedição dos livros de Mário Sette, durante as décadas de 1975 e 1980. Nessa época, ele foi o diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de

7 BARROS, Paula Melo Rego; REGO, Rossana Sette de Melo. “Um conceito de pernambucanidade”. Texto de apresentação do site criado para preservação da memória de Mário Sette. Disponível em: <http://www.mariosette.com.br/>. Acesso em: 28/06/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pernambuco, com um mandato de 1975 a 1979, foi o primeiro diretor-presidente da Fundação de Cultura da cidade do Recife, entre 1979 e 1983, instituição criada no mesmo período, além de também ocupar o cargo de diretor de Assuntos Culturais da Fundarpe, entre 1983 e 1987, e diretor Geral da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, entre 1987 e 2003.

Pela Fundação de Cultura, ele lançou: a 3ª edição de “Arruar”, em 1975, “Memórias Íntimas (Caminhos de um coração)”, uma autobiografia de Mário Sette, em 1980, a 10ª edição de “Terra Pernambucana”, em 1981, a 4ª edição de “Maxambombas e Maracatus”, em 1982, sendo os três últimos livros integrantes da “Coleção Recife”, a qual é composta por 20 trabalhos que tratam sobre literatura, história e aspectos culturais de Pernambuco, escritos, na maioria, por escritores pernambucanos.⁸

A iniciativa de publicar a “Coleção Recife” demonstra que, no início dos anos 1980, havia certo interesse do governo do estado de Pernambuco, e também da prefeitura do Recife, sob a batuta de Gustavo Krause, em desenvolver políticas públicas de divulgação da cultura e da História de Pernambuco, com o objetivo maior de estimular um sentimento de *pernambucanidade* em seus leitores. E quem melhor que Mário Sette nessa missão?

Nesse sentido, não foi por acaso que entre as 20 obras publicadas na “Coleção Recife”, três eram de autoria de Mário Sette, sendo ele o escritor que mais teve trabalhos na coleção. Isso significa que os livros de Mário Sette estavam bem afinados com as políticas culturais da época, pois, “Ninguém como ele fez o retrato de corpo inteiro do Recife - a partir de “Maxambombas e Maracatus” - em tintas vivas, melhor até que uma película moderna cinematográfica colorida.” (PASSOS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 6/12/1982)

Os anos 1980 foram simbólicos para o resgate de sua memória. Reeditou-se seus livros, que, por sinal, estavam fazendo grande sucesso ao voltarem a circular entre os

⁸ Entre as obras estavam: “O Recife na voz de seus poetas”, de Luiz Nascimento; “Horas Marianas”, de Gervásio Fioravante; “Teatro Quase Completo”, de Lucilo Varejão; “Histórias dos feitos recentemente praticados no Brasil”, de Gaspar Barlaeus; “Nossa Senhora dos Guararapes”, de Bernardino Freire de Figueiredo e Castro; “Caminhos de Gusmão”, de José Américo de Lima; “O rapaz de Vila Maria”, de Hilton Sette; “Um mascate e o Recife”, de José Antônio Gonsalves de Melo; “Arredores do Recife”, de F. A. Pereira da Costa; “Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco”, de Dom Domingos do Loreto Couto; “Memórias diárias da guerra no Brasil”, de Duarte de Albuquerque Coelho; “Os tempos da Praieira”, de Costa Porto; “Maracatus do Recife”, de Guerra Peixe; “Dicionário biográfico de pernambucanos célebres”, de F. A. Pereira da Costa; “Memórias de Pernambuco - álbum para os amigos das artes, 1863 um álbum de Luis Schlappriz; “As sementes do sol - O Semeador”, de Raimundo Carrero; “Decadências de uma fidalguia açucareira”, de Flávio Guerra.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

leitores pernambucanos, e também comemorou-se seu centenário de seu nascimento, em 1986. Nesse ano, Leonardo Dantas Silva, pela FUNDARPE, lançou mais uma edição de um livro seu: “Anquinhas e Bernardas”. Além disso, um busto seu foi erguido nos jardins da Academia Pernambucana de Letras, a qual era membro, desde 1922, e patrono da cadeira de número 40, desde 1968. A partir de então, ele era fincado de uma vez por todas os alicerces da memória de Mário Sette no panteão dos grandes homens das letras de seu estado.

Um tempo depois, nos últimos anos do século XX e início do século XXI, a memória de Mário Sette ganha outros espaços na eternidade. Em 1999, ele se tornou, pela primeira vez, objeto de pesquisa de um trabalho acadêmico. Com o título “Mário Sette o retratista da palavra”, a historiadora Magdalena Almeida produziu sua tese de doutorado, pela Universidade Federal de Pernambuco, sobre a obra do escritor, a qual foi premiada na categoria ensaio pelo “Prêmio Jordão Emerenciano” do Conselho Municipal de Cultura, e publicada em 2000. Em fevereiro de 2007, mais uma vez, seu nome é relembrado no frevo “Tributo a Mário Sette”, que, como vimos na epígrafe do artigo, o é mais um antídoto contra o esquecimento desse intelectual.

Por fim, em 2010, foi criado um site pelas suas bisnetas, Paula Melo Rêgo Barros e Rossana Sette de Melo Rêgo, que funciona como mais um importante “lugar memória” onde se pode encontrar ancorada certa memória cristalizada de Mário Sette (NORA, 1993). Nele, foram disponibilizadas referências biográficas, textos críticos de seus livros, evocações produzidas por intelectuais admiradores da obra de Mário Sette, textos autobiográficos, retratos e sua genealogia. Como guardiãs da memória de seu bisavô, elas se viram na responsabilidade de disseminar o seu nome e preservar a sua memória, acreditando que fazendo isso, também poderiam “conservar e transmitir uma parte significativa da História e da tradição cultural de Pernambuco” sendo essa a função social do site. Dessa forma, ao fazer isso, as bisnetas de Mário Sette incorporam bem a memória enquadrada de Mário Sette, o identificando como um símbolo da regionalidade, e, portanto, como um “conceito de pernambucanidade”, como elas mesmas apontam no título da apresentação do site.

Enfim, a partir das observações apontadas no artigo, a vida póstuma de Mário Sette foi cheia de sucessos e consagrações, uma vez que foi central na fixação de uma memória mais perene e de maior projeção de seu nome nos meios intelectuais e sociais da cidade. Graças ao seu trabalho, que muito contribuiu para a construção do que hoje

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

entendemos como uma identidade pernambucana, e à ação de seus admiradores, que o transformaram em um marco referencial do surgimento de um sentimento que faz palpitar o coração de qualquer pernambucano bairrista, parece que, depois de morto, seu nome foi finalmente eternizado na memória de sua amada terra como o *melhor de nossa pernambucanidade*.

Referências bibliográficas

“A morte de Mário Sette. Cortes e Recortes. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2/04/1950.

“Hoje, o enterramento do escritor Mário Sette”. *Diário de Pernambuco*. 26 de Março de 1950. “Faleceu ontem, o escritor Mário Sette. *Diário da Manhã*. Recife, 26 de Março de 1950.

“Mário Sette. Falecimento, ontem do romancista e historiador pernambucano - traços biobibliográficos”. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 27 e 28/03/1950.

“Morreu o escritor Mário Sette”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 27 de março de 1950.

“Subcomissão pernambucana de Folclore”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 7/10/1948.

ALBUQUERQUE, Moacir. “Mário Sette”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 26 de maio de 1950.

ALMEIDA, MAGDALENA. *Mário Sette: o retratista da palavra*. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo. Os anos 20 em Pernambuco*. Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba. João Pessoa, 1984.

BARROS, Paula Melo Rego; REGO, Rossana Sette de Melo. “Um conceito de pernambucanidade”. Texto de apresentação do site criado para preservação da memória de Mário Sette. Disponível em: <http://www.mariosette.com.br/>. Acesso em: 28/06/2021.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CATROGA, Fernando. “O Culto dos mortos como uma poética da ausência”. *ArtCultura*. V. 12, n. 20. Uberlândia, 2010.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CAVALCANTI, José Geraldo Gomes. Mário Sette, o cronista da cidade do Recife. *Jornal Pequeno*. Recife, 18/04/1951.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

Frevo de título “Tributo Mário Sette” composto por Fred Monteiro e arranjo de Maestro Duda presente no disco “Por amor ao frevo” de 2007.

FREYRE, Gilberto. “O escritor Mário Sette”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26/08/1950.

GOMES, Angela de Castro. “Cultura política e cultura histórica no Estado Novo”. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.

_____. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996

_____. Introdução, Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia (Org.). *Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo*. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2016.

Gontijo, Rebeca. *O velho Vaqueano: Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Ed. 7 letras. Rio de Janeiro, 2013.

http://www.recife.pe.gov.br/2008/06/09/100_anos_do_frevo_162581.php. Acesso em: 06/05/2021.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *A fabricação do folclore e da Cultura Popular (Nordeste - 1920-1950)*. Intermeios. São Paulo, 2013.

LIMA, Herman. “Mário Sette. *Revista Nordeste*, ano V, n. 2. Recife, jun/dez 1950.

MELLO, Cezário de. “Mário Sette e o Recife Antigo”. *Revista Nordeste*. ano V, n. 2. Recife, jun/dez 1950.

MENDES, Oscar. “Um Precursor”. *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 1949

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PASSOS, Claribalte. “Evocações do Recife”. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 6/12/1982.

PEREIRA, Nilo. “Mário Sette e o Recife”. *Diário de Natal*. Natal, 22/09/1952.

RODRIGUES, Rodrigo José Cantarelli. *Contra a conspiração da ignorância com a maldade: a Inspeção Estadual dos Monumentos Nacionais e o Museu Histórico e de Arte Antiga do Estado de Pernambuco*. Rio de Janeiro, 2012. 185f. Dissertação (Mestrado em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2012.

SETTE, Hilton, “As memórias de meu pai”. SETTE, Mário. “Memórias Íntimas (caminhos de um coração)”. Fundação de Cultura Cidade do Recife. Recife, 1980. p. 15-16.

SILVA, Leonardo Dantas. Notas do editor. SETTE, Mário. “Arruar – história pitoresca do Recife antigo”, Coleção Pernambucana, Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1975.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In : René Rémond (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: EdUfrj / Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.